

ENVELHECIMENTO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA LITERATURA: UM ESTUDO DE *O ATENEU* DE RAUL POMPÉIA

AGING, GENDER AND SEXUALITY IN LITERATURE: A STUDY OF *O ATENEU* BY
RAUL POMPÉIA

Márcia Maria de Medeiros¹

Rodrigo Domingos de Souza²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar as representações sobre envelhecimento, gênero e sexualidade na obra de Raul Pompéia, especificamente em *O Ateneu*. Para tanto, realizou uma pesquisa de caráter qualitativo e cunho exploratório destacando os momentos do livro em que as premissas que embasam a análise surgem. O *corpus* foi analisado a partir das contribuições teóricas de Roger Chartier (2002) e Michel Foucault (1988, 1996, 1999, 2001 e 2005). Constatase que as questões pertinentes ao envelhecimento, gênero e sexualidade constituem em um campo discursivo marcado por relações de poder, as quais determinam a maneira como uma sociedade observa cada um dos campos enunciados. A partir desse contexto criam-se padrões de conduta e comportamento responsáveis por disciplinar esses corpos e conduzi-los de maneira adequada, relegando a subalternidade e ao silenciamento todas as formas que não sejam condizentes com esta arquitetura. Não raro, observa-se o uso da violência e da coerção como forma de obliteração dessas diferenças, objetificando os sujeitos e impedindo a sua manifestação plena.

Palavras-Chave: Representação; Poder; Sociedade Disciplinar; Relações Sociais; Michel Foucault.

Abstract: This article aims to analyze the representations about aging, gender and sexuality in the work of Raul Pompéia, specifically in *O Ateneu*. Therefore, it carried out a qualitative and exploratory research, highlighting the moments of the book in which the premises that support the analysis arise. The corpus was analyzed from the theoretical contributions of Roger Chartier (2002) and Michel Foucault (1988, 1996, 1999, 2001 and 2005). It appears that the issues

¹ Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Londrina – Brasil. Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1116-986X>. E-mail: medeirosmarciamaria@gmail.com.

² Mestrando em Ensino em Saúde na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4533-3231>. E-mail: rdomingos.dom@gmail.com.

related to aging, gender and sexuality constitute a discursive field marked by power relations, which determine the way in which a society observes each of the mentioned fields. From this context, standards of conduct and behavior are created responsible for disciplining these bodies and conducting them properly, relegating to subalternity and silencing all forms that are not consistent with this architecture. It is not uncommon to observe the use of violence and coercion as a way of obliterating these differences, objectifying the subjects and preventing their full manifestation.

Keywords: Representation; Power; Disciplinary Society; Socials Relations; Michel Foucault.

1. INTRODUÇÃO

Michel Foucault foi um filósofo, historiador, teórico social, filólogo e crítico literário, nascido na França em 1926. Os seus estudos e pensamento envolveram, principalmente, a análise de categorias como biopoder; corpo e sexualidade e a sociedade disciplinar. Para tanto, o filósofo percorria três técnicas independentes, mas sucessivas e incorporadas umas pelas outras: o discurso, o poder e a subjetivação (FERREIRINHA e RAITZ, 2010).

Partindo desse pressuposto, nasceu a proposta deste artigo, qual seja analisar a obra *O Ateneu*, publicada em 1888 por Raul Pompéia, a luz das ideias foucaultianas visto que o drama vivido pelo personagem Sérgio perpassa por relações entre poder e conhecimento e como esses elementos são utilizados enquanto forma de controle por meio de instituições sociais, no caso específico do texto, uma escola.

Alguns pontos foram selecionados para reflexão, entre eles as contingências relativas ao processo do envelhecimento e as questões de gênero e sexualidade presentes no texto. Essa opção se faz por entendermos, assim como Culler (1999, p.69), que a literatura “(...) é simultaneamente uma experiência de um sujeito e uma propriedade de um texto”, ou seja, para além do caráter estético enunciado pela obra literária o texto narrativo pode oferecer a possibilidade de que a pessoa que o lê reflita sobre o que lê propiciando, através da fruição, um aprendizado relativo à condição humana.

Assim, percebemos ser possível utilizar a literatura como ferramenta para discutir envelhecimento, gênero e sexualidade, porque a literatura entende “(...) algo das coisas, [e] sabe muito sobre os homens” (BARTHES, 1989, p.18). Dessa forma, ela permite que os saberes circulem, possibilitando interpretações variadas sobre os mais diversos temas (MEDEIROS, 2018).

Daí os questionamentos que movem este trabalho: como se configuram na obra de Pompéia as questões inerentes ao envelhecimento, gênero e sexualidade? A obra pode ser entendida como um reflexo das percepções socioculturais de uma determinada época acerca dessas questões? Essas percepções se perpetuam ou sofreram modificações com o passar do tempo?

2. O ATENEU - UMA BREVE APRESENTAÇÃO

No ano de 1863, na cidade de Jacuacanga, no Rio de Janeiro, nasceu Raul d'Ávila Pompéia, filho do magistrado Antônio d'Ávila Pompéia e de Rosa Teixeira Pompéia. As posses da família permitiram que, em 1873, se mudassem para a cidade do Rio de Janeiro, então capital do império, e o menino Raul, aos 10 anos, foi matriculado em um colégio interno, dirigido pelo Barão de Macaúbas, Abílio César Borges. Seis anos depois, Pompéia concluiria seus estudos no colégio Dom Pedro II (FRAZÃO, 2019).

Em 1881, o autor de *O Ateneu* iniciou o curso de Direito, na cidade de São Paulo, momento em que entra em contato com o ambiente literário local e com as ideias abolicionistas e republicanas, engajando-se em ambas as campanhas. Em 1885 retorna ao Rio de Janeiro, onde dedicou-se ao jornalismo, escrevendo crônicas, artigos de crítica, contos e, em 1888, o romance *O Ateneu*, que ele próprio ilustrou e que o consagrou como escritor (POMPÉIA, 2018).

Considerado o livro que marca um dos mais belos momentos da literatura brasileira, *O Ateneu* é um estudo psicológico de grande valor

imaginativo, que investiga a alma infantil e faz uma dura crítica ao sistema de educação dos internatos vigente à época (POMPEIA, 2018).

Para Castello (2012) o livro em questão é uma narrativa de caráter memorialista, o que pode ser comprovado desde as primeiras páginas da obra, pois o narrador, agora já um homem adulto chamado Sérgio, esclarece que trará a público fatos da sua infância, relativos ao período em que ficou interno no educandário *O Ateneu*, famoso colégio carioca que tinha como diretor Aristarco Argolo de Ramos. Para Castello:

Nessa relação memória e ficção, em que memória ou memorialismo não se desprende do comprometimento com a experiência biográfica do narrador, Raul Pompéia é de fato o pioneiro da nossa criação ficcional. Com *O Ateneu*, cuja primeira edição é de 1888, ele abre perspectivas, graças à contribuição e dimensão novas que imprimem nossa narrativa de ficção (CASTELLO, 2012, p. 35).

A história se passa no século XIX, no Brasil, em algum momento próximo ao final do período imperial, tendo como ambiência a cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente o bairro do Rio Comprido. A escola ocupa lugar importante na narrativa e antes de ser matriculado no educandário, Sérgio só o conhecia por meio de duas visitas que realizara em companhia de seu pai, mas que foram suficientes para deixá-lo em êxtase diante das possibilidades que lhe surgiam aos olhos:

No dia da festa da educação física, como rezava o programa (programa de arromba, porque o secretário do diretor tinha o talento dos programas) não percebi a sensação de ermo tão acentuada em sítios montanhosos, que havia de notar depois. As galas do momento faziam sorrir a paisagem. (...). Eu ia carregado, no impulso da multidão. Meu pai prendia-me solidamente o pulso, que não me extraviasse (POMPEIA, 2018, p. 12).

O Ateneu aparece como a maior e melhor instituição de ensino da época. Os alunos eram todos estudantes do sexo masculino, a maioria pertencente a famílias abastadas. Aliás, a classe social a qual pertencia o estudante que

compunha o quadro discente da escola enunciava a maneira como ele seria tratado pelo diretor: “Sua diplomacia divide-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa” (POMPEIA, 2018, p. 22).

O deslumbramento de Sérgio com o universo escolar transformou-se em pesar e decepção quando ele tornou-se interno de fato e o Ateneu se transformou em sua realidade cotidiana. Atos de violência física efetivados contra ele devido a sua condição de calouro; assédio por parte de alunos mais velhos que buscavam favores sexuais; o descaso dos professores diante dos abusos cometidos, são apenas alguns dos fatores que levaram o menino à descrença em relação ao ambiente em que se encontrava. Trechos da narrativa revelam a sensação de abandono em que Sérgio se percebia, como denota a citação abaixo transcrita:

Acresce que predisponha ao enlevo a tristeza opressa de discípulo mau em que eu jazia. E como aos pequenos esforços que tentava para me reerguer ninguém dava atenção, deixei-me ficar insensível, resignado, como em desmaio sob um desmoronamento. Tinha a consciência em paz, a consciência que é o espetáculo de Deus. Servia-me a crença como um colchão brando de malandrice consoladora. Note-se de passagem que apesar dos anseios de bem-aventurança, eu ia mal no catecismo como no resto (POMPEIA, 2018, p. 47).

As memórias de Sérgio convidam os leitores e leitoras a conhecer a intimidade de um colégio interno no Rio de Janeiro do final do século XIX, registrando como aconteciam as aulas, como eram dispostas as estruturas físicas do ambiente escolar e também aludindo aos momentos em que a rotina cotidiana era quebrada por eventuais passeios a lugares como o Corcovado e o Jardim Botânico (POMPEIA, 2018).

O texto de Pompeia encerra-se com um momento dramático de alto conteúdo simbólico: ao final do ano letivo, Sérgio é obrigado a permanecer na escola, juntamente com outros colegas, entre eles um jovem de nome Américo

o qual, inconformado pelo fato de ser interno no que considerava uma prisão, acaba ateando fogo ao prédio do Ateneu. Assim, a escola é consumida pelas chamas e o fogo que arde parece purificar os pecados que ficavam ali escondidos atrás de seus muros.

3. FIGURAÇÕES DO ENVELHECIMENTO HUMANO EM O ATENEU

Entre as recordações que Sérgio apresenta sobre a figura do diretor do Ateneu está uma passagem em que o narrador o associa a uma ideia de autoridade divina. Ele se recorda de que seus olhos infantis percebiam Aristarco na mesma condição do Deus do Velho Testamento, um Ser onipresente, onipotente e onisciente que não tinha pejo em castigar se fosse necessário:

Verdade é que não era fácil reconhecer ali, tangível e em carne, uma entidade outrora da mitologia das minhas primeiras concepções antropomórficas; logo após Nosso Senhor, o qual eu imaginara velho, feiíssimo, barbudo, impertinente, corcunda, ralhando por trovões, carbonizando meninos com o corisco. Eu aprendera a ler pelos livros elementares de Aristarco, e o supunha velho como o primeiro, porém rapado, de cara chupada, pedagógica, óculos apocalípticos, carapuça negra de borla, fanhoso, onipotente e mau, com uma das mãos para trás escondendo à palmatória e doutrinando à humanidade o bê-a-bá (POMPEIA, 2018, p. 17).

Alguns pontos da citação acima transcrita merecem reflexão a começar pela representação³ que se faz de um sujeito velho em termos de atributos estéticos (feiíssimo, barbudo, corcunda) e psicológicos (impertinente e ranzinza). Silva (2008) destaca que a consolidação das identidades etárias se

³ O conceito de representação neste artigo é definido a partir da premissa de pensamento defendida por Roger Chartier (2002). Na opinião deste pensador, determinadas práticas tendem a fazer com que os grupos sociais se reconheçam e adquiram uma identidade social inerente a eles em uma conjuntura que os representam enquanto “ser no mundo” (CHARTIER, 2002, p. 57). Assim, esses grupos constroem de maneira simbólica um determinado *status* o qual é legitimado a partir da forma como aquele grupo institucionaliza a representação, no caso específico, as representações inerentes ao envelhecimento em termos estéticos e psicológicos.

cristalizou ao longo do século XIX, de maneira que no século XX elas já correspondiam às perspectivas que enquadravam as pessoas em determinadas categorizações aludindo o que se esperava desses sujeitos em termos de comportamento e também que características físicas cada uma dessas faixas etárias deveria apresentar.

Observa-se que este pressuposto desconsidera a subjetividade no processo de envelhecimento de cada indivíduo, o qual é vivido e experienciado de maneira distinta, sofrendo a influência de fatores internos relativos ao que Foucault (2005) enuncia como o cuidado de si; e fatores externos relativos, por exemplo à condição social e econômica do sujeito.

O texto de Pompéia permite aludir a ideia de que a velhice é uma fase da vida caracterizada pela perda dos atributos de beleza física e associa a ideia de envelhecimento à ideia de degenerescência, colaborando para o fortalecimento de um discurso biomédico que liga esta etapa da vida ao enfraquecimento. Para Silva, a construção científica do saber médico sobre o envelhecimento foi essencial na consolidação desta ideia e a autora identifica na geriatria um momento fulcral deste processo:

A geriatria não só distingue a velhice das outras etapas da vida, mas também a define como decadência física. Laslett (1991) destaca a importância e a pregnância, em termos de imaginário cultural, da metáfora médica da velhice, cuja principal consequência foi produzir a identificação entre velhice e doença. O discurso geriátrico atual empreendeu uma tentativa de desfazer essa associação definitivamente, mas Laslett sugere que esse processo é controverso e acaba encontrando resistências no próprio modo de funcionamento do saber médico. Citando um caso específico, o autor sugere que permanece em debate a definição de Alzheimer, que para alguns autores seria uma doença degenerativa que acomete o cérebro de velhos e, para outros, seria o próprio processo de degeneração, portanto de envelhecimento, do cérebro (SILVA, 2008, p. 159).

Foucault (1999) entende que toda a sociedade produz discursos que construirão significados e normatizações a partir das quais os membros

daquela sociedade articularão as formas inerentes às relações sociais daquele grupo tanto interna quanto externamente. Para o autor, essas produções discursivas apresentam caráter multifuncional pois podem atuar como elementos de controle; e como agentes de seleção, organização e redistribuição dos procedimentos que norteiam as ditas relações sociais.

No que se refere ao discurso construído em torno do envelhecimento humano, alguns dos atores que construíram/constroem os termos desse saber e que são compreendidos como autoridade sobre o assunto, pertencem à área da saúde e não necessariamente passaram pelo processo de envelhecimento. Assim, o alcance do seu entendimento sobre o processo não é o mesmo de uma pessoa idosa, mas a sua compreensão em relação ao assunto passa a valer, interditando as demais vozes que pretendem se pronunciar sobre o tema.

No que se refere aos atributos psicológicos que caracterizam Aristarco aos olhos de Sérgio, percebemos que eles são associados a ideia de autoridade, embora de uma maneira negativa pois trata-se de alguém dotado do poder de castigar e ralhar com os meninos mais impertinentes. Assim, é possível anuir que as pessoas idosas apresentam maior dificuldade em se relacionar com sujeitos de outras faixas etária. Estudo realizado por Couto e colabores (2009) corrobora com esta assertiva constatando que os participantes da pesquisa entendem ser difícil se relacionar com pessoas mais velhas pois elas são inflexíveis, enunciando uma forma de preconceito e discriminação (ageísmo).

Em outro momento do texto é possível observar, através das memórias evocadas por Sérgio, mais uma descrição de uma pessoa idosa, dessa vez uma mulher que trabalhava na escola e desempenhava a função de inspecionar o dormitório dos alunos:

Os dormitórios apelidavam-se poeticamente, segundo a decoração das paredes: salão pérola, o das crianças policiado por uma velha, mirrada e má, que erigira o beliscão em preceito único disciplinar, olhos mínimos, chispando, boca sumida entre o nariz e o queixo,

garganta escarlate, uma população de verrugas, cabeça penugenta de gipaeto sobre um corpo de bruxa (POMPÉIA, 2018, p. 106).

A citação apenas reforça a ideia negativa em relação ao envelhecimento e ainda associa esta condição às aves de rapina que se alimentam de cadáveres como os abutres, ao referendar que a idosa se parece com um gipaeto. Observamos que o texto literário enuncia o envelhecimento de maneira estereotipada, sem considerar que essa fase da vida é evidenciada por um processo multifacetado e plural, e que, além de ser marcado por mudanças corporais, implica em uma leitura social destas mudanças e atribuições de certos papéis sociais (ou perda/ausência deles) (ZANELLO et al., 2015).

As representações sociais da velhice prevalentes na obra possuem um caráter estigmatizante, pois a reduzem a uma percepção estritamente relacionada à aparência corporal e à perda da juventude: um período fisicamente decadente. A pessoa idosa perde sua singularidade, dando lugar a uma corporeidade desfeita (LE BRETON, 2011) e que pode ser tornar alvo de violência.

Uma prova de que as marcas que esse tipo de construção prefigura permanecem vigentes na sociedade contemporânea pode ser evidenciada pelos números relativos ao aumento dos casos de violência contra a pessoa idosa no Brasil durante o contexto do isolamento social provocado pela pandemia, conforme indica Fuentes:

De acordo com dados disponibilizados pelo Disque 100, canal de atendimento que recebe, analisa e encaminha denúncias de violação dos direitos humanos para os órgãos competentes, de 2019 para 2020 o número de chamadas para reportar algum tipo de violência contra o idoso foi de 48,5 mil para cerca de 77 mil denúncias; houve um aumento de 53% no número de denúncias. Até o primeiro semestre de 2021, o número de denúncias registradas ultrapassou 30 mil (FUENTES, 2021, p. 01).

Ou seja, mesmo diante do avanço em termos de garantia dos direitos das pessoas idosas, representados por políticas públicas como a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), ou pelas mudanças em termos da tecnologia biomédica que vem garantindo uma perspectiva de envelhecimento mais saudável e longo, observa-se a continuidade de um discurso em torno do envelhecimento que cria estigmas e preconceitos, os quais se naturalizam através do pensamento e podem levar a violência, devido ao contexto de objetificação do corpo velho.

A construção de uma nova consciência em relação ao assunto perpassa pelo debate sobre o tema e a literatura é um elemento importante nesse sentido, pois possibilita a compreensão da permanência de formas de ver o mundo e de ser no mundo em uma perspectiva de longa duração (BRAUDEL, 2011), permitindo uma reflexão crítica sobre o processo.

4. SEXUALIDADE, MORAL E ORDEM EM O ATENEU

Em sua obra *Os Anormais*, Michel Foucault enuncia sobre os elementos que possibilitaram que, na história do moderno pensamento ocidental, fosse criado o conceito de anormalidade (FOUCAULT, 2001). É perceptível, nas palavras do filósofo, como essa premissa articula forte relação com as questões inerentes a sexualidade e ao uso dos prazeres, já que, conforme Foucault: “(...) esse campo da anomalia vai se encontrar, desde bem cedo, quase de saída, atravessado pelo problema da sexualidade” (FOUCAULT, 2001, p. 211).

No que se refere ao texto de Pompéia, nota-se que as questões da sexualidade permeiam os elementos que o compõe, contrastando com discursos que aludem a ideia de moral como elemento fundamental para a disciplina dos corpos estudantis no sentido de torná-los dóceis (FOUCAULT, 1996), conforme se percebe na seguinte citação: “Estejam tranquilos os pais! No Ateneu, a imoralidade não existe! Velo pela candura das crianças, como se

fossem, não digo meus filhos: minhas próprias filhas! O Ateneu é um colégio moralizado” (POMPÉIA, 1998, p. 25).

Chama a atenção o uso do ponto de exclamação como aporte na fala de Aristarco, indicando uma ação imperativa ao expressar que no educandário sob a sua direção a imoralidade não está presente e que ele pessoalmente (indicação proposta pelo uso do verbo velar em primeira pessoa) se ocupa em cuidar disso. Mas o que seria essa imoralidade? Como ela tomaria forma?

Em uma das passagens da obra, o personagem Rebelo alerta Sérgio sobre como ele deve se comportar na escola, pois no interior dos muros do colégio evidenciam-se relações homoeróticas nem sempre consentidas, promovendo a violência por parte dos alunos mais velhos e mais fortes em relação aos alunos mais novos e mais frágeis:

Os gênios fazem aqui dois sexos, como se fosse uma escola mista. Os rapazes tímidos, ingênuos, sem sangue, são brandamente impelidos para o sexo da fraqueza; são dominados, festejados, pervertidos como meninas ao desamparo. Quando, em segredo dos pais, pensam que o colégio é a melhor das vidas, com o acolhimento dos mais velhos, entre brejeiro e afetuoso, estão perdidos.... Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores (POMPÉIA, 2018, p. 31).

A partir desse fragmento, percebemos a construção de um discurso machista que associa a homossexualidade a premissa feminina, marcado nas expressões “sexo da fraqueza” e “meninas ao desamparo” (VALENTIN, 2013). De acordo com Joana Maria Pedro, essa ideia anuncia a chamada condição feminina, ou seja, faz parte de um “[...] estado físico e psicológico, a uma maneira de ser, [que foi] historicamente construída” (PEDRO, 2015, 124).

De acordo com Zanello et al. (2015) em nossa cultura, os valores relacionados às mulheres dizem respeito, sobretudo, à necessidade de renúncia sexual, aos traços de caráter relacionais e ao ideal de beleza/estética; já os

valores relacionados aos homens são basicamente dois: virilidade sexual e laboral.

Em relação às mulheres, a renúncia sexual aponta para a necessidade de contenção da sexualidade (renúncia) e o exercício do cuidado com o outro, evidenciado por atitudes que envolvem abnegação, sinceridade, bondade (os ditos traços de caráter relacional). A representação maior deste papel seria a naturalização da maternidade. Além disso, a mulher deveria apresentar-se dentro de um padrão estético marcado, sobretudo, pela lipofobia (ZANELLO et al 2015). Dona Ema, esposa de Aristarco, apresenta todas as características anunciadas acima, conforme se percebe através da seguinte citação:

Bela mulher em plena prosperidade dos trinta anos de Balzac, formas alongadas por graciosa magreza, erigindo, porém, o tronco sobre quadris amplos, fortes como a maternidade; olhos negros, pupilas retintas, de uma cor só, que pareciam encher o talho folgado das pálpebras; de um moreno rosa que algumas formosuras possuem, e que seria também a cor do jambo, se jambo fosse rigorosamente o fruto proibido. Adiantava-se por movimentos oscilados, cadência de minueto harmonioso e mole que o corpo alternava. Vestia cetim preto justo sobre as formas, reluzente como pano molhado; e o cetim vivia com ousada transparência a vida oculta da carne. Esta aparição maravilhou-me (POMPÉIA, 2018, p. 18).

O texto de Pompeia apresenta assertivas que associam as relações de caráter homoafetivo e homoerótico à imoralidade, conforme se percebe na passagem em que Aristarco reúne os estudantes durante a ceia e apresenta a eles uma carta que lhe chegou às mãos, em que um aluno convida outro a encontrar-se com ele às escondidas:

“Tenho a alma triste, Senhores! A imoralidade entrou nesta casa! Recusei-me a dar crédito, rendi-me à evidência...” Com todo o vigor tenebroso dos quadros trágicos, historiou-nos uma aventura brejeira. Uma carta cômica e um encontro marcado no Jardim. “Ah! Mas nada me escapa,, tenho cem olhos. Se são capazes, iludam-me! Está em meu poder um papel, monstruoso corpo de delito! Assinado por um nome de mulher! Há mulheres no Ateneu, meus senhores!” (POMPÉIA, 2018, p. 132, aspas acompanham o original).

A citação acima referenda alguns aspectos importantes que merecem ser analisados, a começar pelo fato de que ela associa a ideia da relação homoafetiva à imoralidade e, conseqüentemente a um contexto de perversão. Para Nogueira e Colling (2015), esse tipo de construção evidencia um teor homofóbico ao construir, a partir da fala de Aristarco, um componente que integra violência psicológica através de “(...) atitudes que causam danos emocionais e à autoestima, tais como constrangimentos, humilhações [e] insultos (...)” (NOGUEIRA e COLLING, 2015, p. 353).

Nesse sentido, é como se a vivência heterossexual fosse a única forma de sexualidade aceita e permitida, caracterizando a ideia de heterossexualidade compulsória a qual indica que “(...) todos os sujeitos devem ser heterossexuais para serem considerados normais” (NOGUEIRA e COLLING, 2015, p. 356).

Observa-se aí um padrão normativo (FOUCAULT, 1988), que institui uma norma de comportamento e articula assim, relações de poder, a partir das quais, todas as formas de sexualidade fora dos padrões heteronormativos precisam ser “adequadas” e “corrigidas”. Isso porque, a heterossexualidade compulsória se sustenta na ideia de que “(...) a heterossexualidade é um padrão da natureza” (NOGUEIRA e COLLING, 2015, p.357). Qualquer desvio desse padrão seria passível de punição, conforme se percebe na citação abaixo transcrita:

É muito grave o que tenho a fazer. Amanhã é o dia da justiça! Apresento-me agora para dizer somente: serei inexorável, formidando! E para prevenir: todo aquele que direta ou indiretamente se acha envolvido nessa matéria... tenho a lista dos comprometidos... e que negar espontâneo auxílio ao procedimento da justiça, será reputado como cúmplice e como tal: punido! (POMPÉIA, 2018, p. 133).

Mais uma vez o uso do ponto de exclamação no final da sentença proferida por Aristarco emprega a força do imperativo, agora para trazer a ideia

de que esse tipo de comportamento não será tolerado no Ateneu. E de certa maneira, esse processo fez com que Sérgio, o narrador da história, sentisse que sua relação com outro personagem, Bento Alves, assumia um caráter de “efeminação” sendo considerada pelo narrador como perniciososa:

A amizade do Bento Alves por mim, e a que nutri por ele, me faz pensar que, mesmo sem o caráter de abatimento que tanto indignava ao Rebelo, certa efeminação pode existir como um período de constituição moral. Estimei-o femininamente, porque era grande, forte, bravo; porque me podia valer; porque me respeitava, quase tímido, como se não tivesse ânimo de ser amigo (POMPÉIA, 2018, p. 85).

Quando rompeu sua amizade com Bento Alves, Sérgio foi atacado por ele e Aristarco surpreendeu os dois em meio a briga. Alves conseguiu fugir e coube a Sérgio oferecer ao diretor às explicações sobre o que se passava. Observa-se mais uma vez nesse contexto o uso da coerção física como forma de disciplina:

“Insolente!” rugiu o diretor. Com uma das mãos prendendo-me a blusa, a estalar os botões, com a outra pela nuca, ergueu-me ao ar e sacudiu. “Desgraçado! Desgraçado, torço-te o pescoço! Bandalhozinho imprudente! Confessa-me tudo ou mato-te!” (POMPEIA, 2018, p. 135).

É notável que o corpo se torna, no livro, um espaço no qual o poder disciplinador exerce a sua ação. A ideia que perpassa o contexto é a de controle, de normatização deste corpo para que ele não se revolte contra as figuras de poder, não vivencie a sexualidade considerada incorreta e nem faça uso do prazer que essa vivência o pode oferecer. Dessa forma, é possível afirmar que, as representações da sexualidade no texto de Pompéia associam saberes, discursos e relações de poder evocando normas de controle sobre os corpos.

Também é possível afirmar que o poder que articula tais relações, o faz em caráter de rejeição e exclusão ou então obriga a que os corpos articulem práticas de ocultação ou mascaramento da sua essência, promovendo o

aviltamento de determinados sujeitos, relegando seu ato de existir a uma posição de subalternidade e promovendo nesse contexto, a violência contra esses sujeitos, seja ela de caráter físico, psicológico ou simbólico.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um estudo de *O Ateneu* permitiu que percebêssemos no texto literário alguns pontos importantes inerentes ao envelhecimento, gênero e sexualidade como representados na obra. Inicialmente, podemos afirmar que o livro em questão, nos permite interrogar acerca da maneira como o discurso que produz as representações sobre esses temas é formado.

É perceptível que este discurso possui um caráter de designação, que ele articula as palavras no sentido de nomear, classificar e mesmo qualificar os seres que designa, sendo que todo o sujeito que foge dos parâmetros que este discurso considerar como corretos acaba sendo objetificado e passível de violência nas mais diversas formas: física, simbólica ou psicológica.

No geral, este discurso é estigmatizante: ele produz e confere um sentido quando enuncia que a velhice é marcada por imagens de enfraquecimento, senilidade e feiura, ou quando anui que a única forma de vivência da sexualidade possível é a heterossexual. Ele também subalterniza quando contrapõe mulheres e homossexuais e uma condição de fraqueza e anuncia que tipo de comportamento se espera desses sujeitos.

É assim que os corpos acabem sendo definidos nesse contexto e que as relações de gênero implicam em relações de poder. O saber médico é preponderante nesse sentido, pois a partir dele se constrói uma ideia de autoridade que passa a ser inquestionável e que carrega em si uma lógica que permite a existência desde que filtrada pelas suas lentes.

Em *O Ateneu* observa-se que o biopoder conforme inferido por Foucault, surge nos interstícios das palavras de Aristarco, na configuração que descreve o edifício, na maneira como o narrador apresenta a vigilância impetrada sobre os corpos, no sentido de torná-los úteis, mesmo que utilizando da violência como elemento para tal.

Por fim, salientamos a força que o texto literário possui enquanto elemento que permite a compreensão da maneira através da qual um determinado discurso é construído, e partir da qual esse mesmo discurso pode ser desconstruído. Entendemos que a literatura é um campo que permite a reflexão crítica de uma sociedade sobre os elementos que a compõe, sendo primordial para o alcance do entendimento das relações sociais que a colocam em movimento.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.

BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais: a longa duração*. In: Nova história em perspectiva. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

CARVALHO, Guilherme Paiva de; OLIVEIRA, Aryanne Sérgia Queiroz de. Discurso, poder e sexualidade em Foucault. *Revista Dialectus*, v.11, p. 100-15, 2017. Disponível em:

<http://periodicos.ufc.br/dialectus/article/view/31003/71627> Acessado em: 28/04/2022

CASTELLO, Jose Aderaldo. Memória e ficção: de Raul Pompéia a José Lins do Rego. *Remate de Males*, v. 15, p. 33-46. Campinas: 2012. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635925> Acessado em: 06/01/2022.

CHARTIER, Roger. *El mundo como representación*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2002.

COUTO, Maria Clara Pinheiro de Paula. *et al.* Avaliação de discriminação contra idosos em contexto brasileiro - ageismo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol. 25, p. 509-518. Brasília: 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/17412/15927> Acessado em: 07/01/2022.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca, 1999.

FERREIRINHA, Isabela Maria Nunes; RAITZ, Tania Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista de Administração Pública* [online], v. 44, p. 367- 83. Rio de Janeiro: 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000200008> Acessado em: 05/05/2022.

FRAZÃO, Dilva. Raul Pompéia, escritor brasileiro. Ebiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/raul_pompeia/ Acesso em: 06/01/2022.

FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FUENTES, Patrick. Aumento de casos de violência contra idosos demonstra falta de políticas públicas. *Jornal da USP*, 06 de agosto de 2021. Disponível em < <https://jornal.usp.br/atualidades/aumento-de-casos-de-violencia-contra-idosos-demonstra-a-falta-de-politicas-publicas/> Acessado em: 30/05/2022.

MEDEIROS, Marcia Maria de. Envelhecimento humano e resiliência na literatura: um estudo de *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway. *Saúde e Sociedade*, v.27, p.1071-1080. São Paulo: 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/S8ZXcgHX5zz5wB6pQsD7dCM/?format=pdf&lang=pt> Acessado em: 06/01/2022.

NOGUEIRA, Gilmaro; COLLING, Leandro. Homofobia, heterossexismo, heterossexualidade compulsória, heteronormatividade. In: *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora da UFGD, 2015.

PEDRO, Joana Maria. Condição feminina. In: *Dicionário crítico de gênero*. Dourados: Editora da UFGD, 2015.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Lafonte, 2018.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* [online], v. 15, p. 155-168. Rio de Janeiro: 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000100009>. Acessado em: 07/01/2022.

VALENTIN, Leandro Henrique Aparecido. Representações da Homossexualidade nos Romances *O Ateneu*, de Raul Pompéia, e *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo. *Revista Rascunhos Culturais*, v.4, p. 179 – 200. Coxim: 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/6384666/Representa%C3%A7%C3%B5es_da_homossexualidade_nos_romances_O_Ateneu_de_Raul_Pomp%C3%A9ia_e_O_corti%C3%A7o_de_Alu%C3%ADsio_Azevedo Acessado em: 03/05/2022.

ZANELLO, Valeska; SILVA, Livia Campos e; HENDERSIN, Guilherme. Saúde Mental, Gênero e Velhice na Instituição Geriátrica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* [online], v. 31, p. 543-550. Brasília: 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015042444543550> Acessado em: 05/05/2022.

Recebido em 18/08/2022.

Aceito em 10/11/2022.